

Reflexões

Padre Nicolás Schwizer

Nº 146 – 01 de julho de 2013

O Pai Nosso

A oração do Pai Nosso teve uma enorme importância na Igreja primitiva e os primeiros cristãos a rodearam com um grande respeito. Era, em primeiro lugar, oração que não se entregava nem ensinava a todos. Rezá-la consistia um privilégio que apenas se outorgava aos já batizados. Era o último que se ensinava aos catecúmenos, na véspera de seu batismo. Era como a máxima e a mais apreciada jóia da fé.

O mesmo não acontece com o crente de hoje. O Pai Nosso é a primeira oração que aprendemos quando criança e terminamos por não saber nem o que supõe, nem o que contem. Acontece com o Pai Nosso como com a casa aonde nascemos: que de tanto vê-la não a vimos nunca. É parte da nossa retina, do nosso sangue. Já nos diz pouco ou nada. Como uma moeda que, de tão usada, perdeu completamente seu relevo.

Assim é como a grande oração dos primeiros cristãos se transformou na oração rotineira dos últimos. Teríamos hoje que reconquistá-la como quem descobre um continente ou conquista em guerra uma montanha. Teríamos que voltar a nos sentir como aqueles apóstolos que um dia feliz ouviram dos lábios de Jesus essas palavras que são segundo um Padre da Igreja, *o resumo de todo o evangelho*.

Efetivamente em suas poucas palavras se oferece toda uma síntese das corretas relações entre Deus e o homem: A primeira parte diz respeito à causa de Deus: O Pai, a santificação de seu nome, seu reinado, sua vontade santa. A segunda parte fala da causa do homem: o pão necessário, o perdão indispensável, a tentação sempre presente e o mal continuamente ameaçador. Ambas as partes constituem a mesma e única oração de Jesus.

Deus não se interessa apenas pelo que é seu, mas se preocupa também pelo que é do homem, como o pão, o perdão, a tentação e o mal. Da mesma forma o homem: não se apega apenas ao que lhe importa, mas se abre também ao que concerne ao Pai: a santificação de seu nome, a chegada de seu reinado, a realização da sua vontade.

Assim é como o Pai Nosso não separa o que Deus uniu. A causa de Deus e a causa do homem são, depois da encarnação, uma única causa. Separá-las é mutilar as duas. Olvidar a Deus pelos problemas da terra, é ofender a Deus e tirar seu último sentido aos problemas dessa mesma terra pela que dizemos nos preocupar. E crer que adoramos a Deus, deixando de lado o combate cotidiano deste mundo, seria adorar a um ídolo que pouco tem a ver com o Deus verdadeiro.

Por outra parte, a Oração do Senhor não é uma fuga, uma desculpa para fugir do combate do mundo. Ao contrário: é uma prece de um realismo total, que resume a dramaticidade da condição humana e, ao mesmo tempo, abre as portas para a esperança e a alegria em que culminará todo combate autêntico do crente.

A realidade contida no Pai Nosso não é cor de rosa, pelo contrário, é conflituosa. Nela se chocam permanentemente o reinado de Deus e o reinado de Satanás. A oração cristã arma sua tenda de campanha no centro do combate humano. E é profundamente significativo pensar que Jesus, na hora de nos oferecer o último e mais profundo resumo de seu pensamento, não o haja feito num sermão intelectual, mas numa oração.

Queridos irmãos, a resposta de Jesus frente a um mundo que sofre, é a oração do Pai Nosso unida à luta cotidiana. E nos convida a que também nós oremos sempre de novo ao Pai e que, como seus filhos adultos, lutemos para que este nosso mundo seja cada vez mais de Deus.

Perguntas para a reflexão

1. Já meditei cada frase do Pai Nosso?
2. O que essa oração me diz hoje?
3. Preferimos o “faça-se minha vontade”?

Deseja-se inscrever, comentar o texto ou dar seu testemunho, escreva para: pn.reflexiones@gmail.com